



# Fontes e pesquisas da História das Missões na África: arquivos e acervos

Patrícia Teixeira Santos\*, Lúcia Helena Oliveira Silva\*\* e Nuno de Pinho Falcão\*\*\*

P. 15-23

As experiências missionárias sempre foram fontes da história do processo evangelizador da Europa para outros continentes. Porém, desde 1970 elas têm se tornado objeto de pesquisa desde que etnógrafos e antropólogos passaram a estudá-las como possibilidades de entender a ação missionária nos lugares onde foi desenvolvida, bem como os processos de mediação e as perspectivas que dela derivaram e o espaço simbólico de embate entre culturas<sup>1</sup>. Entendidas como fontes primordiais para se compreender o universo construído entre africanos e europeus, as fontes missionárias recuperam as narrativas sobre a África pré-colonial, colonial e pós-colonial e os diversos modelos missionários que atuaram nos territórios. Essa rica vivência compreendeu a formação de instituições clericais, religiosas e laicas e a forte influência sobre os grupos. A presença missionária em África se iniciou ainda com o processo de expansão português apoiado por um conjunto de documentos pontifícios como a Bula Romanus (1455) e a Bula Inter Coetera (1456). As bulas davam ao rei a autoridade religiosa para criar igrejas e mosteiros e enviar missionários aos territórios ultramarinos. Assim, as missões religiosas aconteceram paralelamente ao período da exploração comercial. A partir do século XVII, o processo de missionação foi intensificado e o trabalho missionário atuou na conversão dos chefes e reis africanos que viriam a ser parceiros do governo português, como foi o caso da rainha Nzinga, batizada em 1622, que adotou o nome cristão de Ana de Souza. Contudo, a vivência entre grupos tão distintos como europeus e africanos implicava também uma forma de conversão por parte dos europeus que se dirigiam à África, uma vez que para uma melhor aceitação por parte dos povos locais era preciso se integrar a seus costumes. Esse longo processo de negociação foi transcrito nas narrativas missionárias e passou a ser valorizado como fonte de pesquisa pelos estudos da antropologia a partir da década de 1970. Diversos

\* Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de São Paulo, Pesquisadora do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto e do Laboratório Áfricas no Mundo da Universidade de Bordeaux III.

\*\* Professora adjunta do Departamento de História e Chefe do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual Paulista – campus Assis.

\*\*\* Membro da direção do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto.

<sup>1</sup> Comaroff, Jean (1985), *Body of power, Spirit of Resistance*. Chicago: University of Chicago Press.  
— (1991), *Of revelation and revolution: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa*. Vol. 1. Chicago: University of Chicago Press.

estudiosos como Comaroff, Wyatt MacGaffey e John Thornton<sup>2</sup>, entre outros, passaram a reconhecer as fontes missionárias como importantes espaços para o estudo da vida em África.

Estudos como os de John Thornton<sup>3</sup> auxiliaram a compreender a criação do catolicismo africano e seus diversos entendimentos entre os diferentes grupos étnicos. Segundo Rosana Gonçalves<sup>4</sup>, “[é] difícil imaginar que ao chegar na África, o europeu conseguisse converter o africano sem que este não mantivesse o substrato de suas crenças e práticas ancestrais”. Tal afirmação baseia-se principalmente na atuação dos portugueses na África e nas diferenças entre a religiosidade europeia e a africana; dos encontros entre esses dois universos, inicialmente concebidos como distintos, surgiu o catolicismo africano. Thornton fala também do “espontaneísmo” e do “protagonismo africano”, que dá uma ideia da autonomia no processo de conversão. Por outro lado, o esforço do clero em se aproximar das culturas locais levou seus membros a aprender as línguas locais e a traduzir formas ritualísticas, trabalho que foi iniciado pelos jesuítas ainda no século XVI.

O empreendimento religioso exigiu o esforço de muitos elementos, e a pesquisa na documentação permite perceber a presença de diversas ordens e nacionalidades entre o clero atuante. Atuaram nesse processo não apenas os clérigos portugueses, mas também espanhóis e italianos, entre outras nacionalidades. Tal presença não se dava apenas devido ao propósito de converter povos localizados em outros lugares do globo, mas tinha alguns direcionamentos, como a regulamentação pelo regime do padroado. Outras ordens, como a da Ordem dos Capuchinhos, eram motivadas também por questões políticas como o rompimento da União Ibérica em 1640 e excomunhão da Igreja portuguesa pelo Papa, que levou Filipe IV da Espanha, na tentativa de manter o exercício do Padroado da Coroa Portuguesa que perdera, a promover a vinda dos capuchinhos italianos a partir da Espanha para os territórios de presença portuguesa como Angola e Congo.

Junto com o percurso da história missionária portuguesa, se desenvolveu com bastante ênfase, no final do século XVIII e ao longo do século XIX, uma ação missionária mais ampla e efetiva das nações europeias que se colocava subordinada à Propaganda Fide. Para essa ação missionária, haverá uma centralidade das missões africanas no caminho de renovação da Igreja Católica à luz das transformações das relações entre Igreja e Estado que vieram com a Revolução Francesa. Assim, desenvolveram-se diversos projetos que propunham o enraizamento efetivo da ocupação cristã do continente, alterando as condições da civilização material e propondo novas formas de se pensar o clero nativo. Um dos projetos mais destacados do missionarismo no

<sup>2</sup> Comaroff, Jean (1985), *Body of power, Spirit of Resistance*. Chicago: University of Chicago Press.  
 — (1991), *Of revelation and revolution: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa*. Vol. 1. Chicago: University of Chicago Press.  
 MacGaffey, Wyatt (2005), Changing Representations. *Central African History. The Journal of African History*, Vol. 46, N.º 2, pp. 189-207.

Thornton, John K. (2004), *África e africanos na formação do mundo atlântico*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Gonçalves, Rosana. *Missionários católicos nos Reinos do Congo e Ndongo (século XVII)*. Texto integrante dos *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

século XIX será o da ‘regeneração da África pela África’ do antigo Vigário Apostólico da África Central, Dom Antonio Daniele Comboni.<sup>5</sup>

Para esse prelado, o clero nativo deveria ser o condutor da Igreja em África, promovendo o enraizamento do evangelho ao conjugar nas suas ações as atividades missionárias com a expansão do ensino superior. Além disso, a hierarquia eclesiástica deveria ser estruturada dentro dos quadros locais. O sucesso evangelizador seria medido não só pela adesão das elites africanas, mas sobretudo pelas transformações das condições materiais e pelo surgimento de uma camada de profissionais liberais, políticos e militares que fossem cristãos originários dos espaços das missões.

Iniciativas em torno do enraizamento da presença cristã tiveram que lidar com as injunções dos processos coloniais empreendidos pelas nações europeias ocidentais. Tal dinâmica, marcada por fortes tensões dentro da própria Igreja, levou a que projetos que se distanciavam da subordinação ao estado colonial, ou pudessem ser concorrentes, fossem obliterados, como ocorreu no caso de Comboni e seu projeto para a evangelização da África Central.

O papado de Leão XIII marcou as convergências dos projetos missionários com os coloniais, fato que levou à divisão interna de muitas congregações por conta da exigência de que o missionário numa colônia deveria ser proveniente da nação colonizadora que tinha respectiva área de influência na África.<sup>6</sup>

Tal fato levou a uma grande reflexão intelectual na Igreja a respeito do papel da missão no processo civilizador dos povos não brancos e a um esforço consciente na organização dos arquivos e do patrimônio missionário das ações evangelizadoras dos séculos XVII a XIX.

O esforço da monumentalização da experiência foi tão importante quanto o da ação evangelizadora. Essas instituições arquivísticas, museus missionários e estudos elaborados na área da missiologia (criada no início do século XX como um ramo independente da Teologia na Itália e na França) criou acervos de grande importância que permaneceram mesmo com o fim do colonialismo e a expulsão de diversas congregações missionárias da África, chegando até os dias atuais. Como exemplo para o caso da África Lusófona podemos citar a criação da Monumenta Missionária Africana de António Brásio.

Essas instituições enfrentam hoje o dilema do que fazer com os grandes acervos que possuem, mas que remetem a uma fase da história contemporânea da Igreja em que lidar com a herança da época colonial é algo ainda muito incômodo e perturbador. Esses acervos fazem parte de um ‘passado que se quer esquecer’.

Os acervos dessas instituições, tanto ligadas à Propaganda Fide quanto ao Padroado português, são formados por uma quantidade de documentos relevantes do ponto de vista histórico, religioso e cultural, indo desde os presentes que os missionários recebiam a diários da missão, correspondência aos bispos e Papas, relatórios paroquiais, livros de batismo, inventários e cartografias das missões.

A proposta do projeto “Fontes e pesquisas da História das Missões na África: arquivos e acervos”, formulada a partir da colaboração entre o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, a Universidade Federal de São Paulo, a Universidade Estadual

<sup>5</sup> Santos, Patrícia Teixeira (2002). *Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad.

<sup>6</sup> Prudhomme, Claude (1994), *Stratégie Missionnaire du Saint-Siège sous Léon XIII (1878-1903)*. Roma: École Française de Rome.

Paulista (campus Júlio de Mesquita), a Universidade Pedagógica de Moçambique, a Queen's University de Belfast e a Universidade Federal do Paraná, é de colaborar para suscitar pesquisas sobre o cotidiano das missões e o acervo das instituições arquivísticas ligadas às ordens e congregações missionárias portuguesas, cuja documentação é muito pouco explorada, e associar a essa pesquisa os arquivos das dioceses em África ligadas a esses institutos.

Desse quadro mais amplo conseguiu-se mapear e fazer acordos para pesquisa com as seguintes instituições e arquivos: em Portugal com os arquivos dos Capuchinhos e dos Espiritanos, Missionários da Consolata e a Ordem dos Carmelitas Descalços. Em Moçambique com o Arquivo da Missão e Centro Catequético do Anchilo e da Revista Missionária Vida Nova, localizados na Arquidiocese de Nampula. Importa destacar que esses arquivos, instituições e a documentação que está na missão de Nampula possuem relações entre si em função da história missionária colonial, e em muitos aspectos a documentação aprofunda temas importantíssimos da história da experiência do catolicismo na África.

A partir dessa pesquisa documental espera-se o desenvolvimento de projetos de conclusão de curso de graduação, treinamentos técnicos, doutoramentos e pós-doutoramentos nas áreas de História e Ciências Sociais na perspectiva da cooperação entre Brasil, Portugal e países africanos. Nesse processo se preconizará a organização dos acervos, a publicação de guias de fontes e a estruturação de um portal WWW que favoreça a criação de uma rede de arquivos religiosos, privados e públicos. Também visa-se contribuir para a reorganização dos arquivos e a criação do acervo de arquivos orais para pesquisas em torno da temática das missões na África e do cotidiano das mesmas nos contextos colonial e pós-colonial.

Neste projeto se fará a análise dos processos de constituição de identidades religiosas e de reorganização de hierarquias de terras e populações, a partir do contato e da inserção das diversas sociedades africanas nas experiências da globalidade das ações missionárias no continente, do século XVII a XXI. Essa longa temporalidade permite perceber que os sentidos da missão e sua eficácia são uma experiência histórica que se construiu no tempo e que indicava tanto a necessidade da conquista da civilização material (a implantação da cristandade) quanto a constituição de hierarquias sociais e laços políticos, celebradas nos processos de conversão e batismo.

Do século XVIII a XIX a materialidade da experiência da inserção de espaços e sociedades nas globalidades missionárias passava necessariamente pela ênfase nas alianças políticas com as chefaturas e os soberanos estrangeiros. A documentação produzida sobre essa experiência é vasta e carregada de possibilidades de se perceber como os mediadores da experiência religiosa traduziram esses encontros, negociações, conflitos e acomodações entre os agentes religiosos, as chefaturas africanas e dinâmicas econômicas e sociais, como por exemplo, os tráficos de escravos para o Atlântico e para as áreas otomanas.

A partir do final do século XIX e durante o século XX, a experiência das missões se realizou em conjunto com o processo de subordinação aos impérios coloniais. A dimensão religiosa da vivência comunitária da fé ocorria dentro da espacialidade dos Estados Coloniais, informando em muitos casos os sistemas hierárquicos, os registros de populações, os papéis econômicos, sobretudo no que tange ao recrutamento para o trabalho forçado nas áreas das missões e também fora delas. A documentação

produzida nesse contexto é muito vasta e compreende um amplo repertório que vai das coleções etnográficas, passando pelos Diários da Missão, relatos pessoais, cartas para os leitores e filantropos, periódicos missionários e, a partir da segunda metade do século XX, o uso do rádio e da televisão.

A heterogeneidade de fontes que expressaram a presença e a materialidade das missões correspondia igualmente à diversidade de experiências e produção de identidades religiosas e sociais que contribuíram poderosamente para o surgimento das Igrejas autóctones e das novas formas de vivenciar os antigos cultos de ancestrais e ressaltar a dimensão política da fé. As experiências missionárias e proselitistas, devido à riqueza de processos históricos e identitários que produziram e atravessaram a existência dos estados coloniais e também pós-coloniais, constituem um caminho de pesquisa de grande importância e produtor de abordagens bastante originais que justificam a criação do projeto e da rede de universidades e professores colaboradores que a ela estão ligados.

O estudo de novos objetos na prática historiográfica leva os historiadores a considerar, em seu trabalho, a parceria com outras áreas de pesquisa, como a Linguística, a Antropologia e a Sociologia, e a incorporar novas metodologias e categorias de análise. Essa necessidade nasce das dificuldades que historiadores enfrentam quando se deparam com fontes que requerem novas abordagens. Assim, a interdisciplinaridade promove o diálogo entre a História e outras disciplinas na busca de novos modelos e interpretações que estudam o homem e a sociedade e suas transformações, contribuindo para a teoria da História.

O olhar sobre os acervos dos arquivos missionários nos convida para uma observação mais aprofundada dos processos de patrimonialização da cultura material produzida pelas missões, que também se encontram registrados nos arquivos bem como nas áreas que os circundam e envolvem.

Temos compreensão de que a ação missionária produziu um espectro bastante amplo de artefatos, textos, edificações e diferentes tipos de fontes escritas e audiovisuais que nos levam a aprofundar a perspectiva da análise do processo da mediação também como uma ação de produção de patrimónios materiais do cristianismo, que precisam ser abordados de forma diferenciada e que merecem projetos específicos de trato documental, análise e contribuição para o estudo da ação dos missionários na África e a constituição das cristandades locais do final do século XVIII ao XX.

No processo de proposição de uma análise das formas de patrimonialização da experiência missionária, é muito importante destacar as ações da produção da memória do missionário, da instituição missionária e dos povos abarcados pela ação evangelizadora, promovida pelos diários individuais e os conhecidos 'diários da missão', que são o registro cotidiano das intercorrências e das atividades que ocorrem nas paróquias e capelas que pertencem a um distrito missionário.

Os diários individuais por sua vez são uma orientação para cada missionário, para produzir um testemunho sobre si e, através da sua individualidade, destacar a universalidade da missão. Por isso, é um relato realizado num tom intimista onde o leitor se sente em muitos momentos o grande e único confidente, fazendo parte, com isso da 'grande comunidade dos confidentes' daquele religioso, da congregação religiosa à qual ele pertence e da obra missionária.

Ao iniciarmos as nossas conversas com os diretores dos arquivos dos Capuchinhos, dos Espiritanos e dos Missionários da Consolata em Portugal foi-nos proposta a orga-

nização de um arquivo oral com entrevistas dos missionários mais velhos que atuaram em África durante o período colonial e das guerras civis e que estão nas casas dessas congregações em Lisboa e Fátima. A partir dessas propostas percebemos que os estudos das trajetórias de vida, e dos campos de possibilidades com que os agentes históricos se deparam, tornaram-se novamente uma importante temática para os historiadores do tempo presente, convidados agora mais do que nunca a pesquisar espaços e experiências históricas do mundo contemporâneo. No que concerne aos estudos africanos, os depoimentos orais, correspondências privadas e diários tornaram-se corpus documentais ímpares para o estudo dos processos de construção das nações africanas, evidenciando a riqueza da complexidade das questões religiosas, culturais e políticas.<sup>7</sup>

Por outro lado, escolas, hospitais e a própria literatura missionária se tornam também propriedades reivindicadas pelos povos que passaram pelo processo de missão. Tal fato revela o que Dulley já apontava para as missões dos padres Espiritanos no planalto angolano no início do século XX, sobre as interações dos diversos agentes envolvidos na missão e seus interesses:

*Os diversos interesses conflitantes na missão levam a um embate simbólico no qual os agentes distintos disputam o reconhecimento, a imposição legítima de uma visão de mundo, de um juízo de valores, de uma percepção sobre a realidade. Trata-se, portanto, de uma disputa pelo monopólio do sentido de um determinado aspecto do mundo social, que engendra uma violência simbólica baseada na legitimação e conseqüente naturalização de um significado necessariamente arbitrário. Assim, o código de comunicação consiste no regime de convenções que se estabilizam na disputa, compartilhado pelos agentes como condição sine qua non da própria disputa. É o reconhecimento da legitimidade do código que permite a manutenção das arbitrariedades que caracterizam qualquer convenção de significação.<sup>8</sup>*

A construção dos códigos de comunicação se traduziu em gramáticas, como no caso destacado por Dulley sobre a atuação dos Espiritanos em Angola, e também na construção de espaços como escolas, hospitais, orfanatos e nos próprios prédios das missões, com suas regras e formas de organização dos ‘espaços interiores’. Esses mesmos códigos se tornaram, no contexto histórico pós-colonial, importantes instrumentos de definição de identidade étnica e regional, sobretudo no processo de criação dos modernos estados africanos, que primaram em grande parte pela homogeneização da diversidade étnica e cultural e mantiveram estruturas autoritárias e coloniais de hierarquização e subalternização de populações.

Se na conjuntura pós-colonial dos anos 1980 muitas dessas instituições religiosas e seus arquivos passaram por grandes questionamentos com relação a seu ‘acervo colonial’, a emergência das atuais dioceses africanas e do clero local com bastante destaque e projeção política nos contextos nacionais e na Santa Sé fez com que esses

<sup>7</sup> Sobre as visões de trajetória de vida e de geração ver: Sirinelli, Jean François (1996), A geração. In: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, pp. 131-137. A respeito da categoria ‘campo de possibilidades’ ver Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>8</sup> Dulley, Iracema (2010), *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: FAPESP/Annablume, p. 21.

mesmos arquivos e seus acervos fossem ressignificados, tornando-se instituições da memória da Igreja Católica 'nacional' nas novas entidades políticas africanas.

## Referências bibliográficas

- Achebe, Chinua (2012), *A educação de uma criança sob o Protetorado Britânico – Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brandão, Helena H. Nagamine (2004), *Introdução à análise do discurso*. 2.ª ed. rev., Campinas: Editora Unicamp.
- Brásio, António, (1952-1960), *CSSp – Monumenta missionária africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar. 10 vols.
- Cisternino, Mario (2001), *Passione per l’Africa: carte missionarie ed imperiali sulla prima evangelizzazione in Uganda e Sudan (1848-1923)*. Roma: Urbaniana University Press.
- Comaroff, Jean (1985), *Body of power, Spirit of Resistance*. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (1991), *Of revelation and revolution: Christianity, Colonialism, and Consciousness in South Africa*. Vol. 1. Chicago: University of Chicago Press.
- Crespo, Samyra (1992), *Escolas católicas renovadas e a educação libertadora no Brasil*. In: Sanchis, Pierre (org.). *Catolicismo: modernidade e tradição*. Rio de Janeiro: Edições Loyola.
- Dulley, Iracema (2010), *Deus é feiticeiro: prática e disputa nas missões católicas em Angola colonial*. São Paulo: FAPESP/Annablume.
- Dulucq, Sophie (2009), *Écrire l’histoire de l’Afrique à l’Époque coloniale (XIX-XX siècles)*. Paris: Karthala.
- Foucault, Michael (2008), *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gonçalves, Rosana (2006), *Missionários católicos nos Reinos do Congo e Ndongo (século XVII)*. Texto integrante dos *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.
- Marcussi, Alexandre A. (2012), *A formação do clero africano nativo no Império Português nos séculos XVI e XVII*. *Temporalidades revista discente do Programa de Pós Graduação em História*. Vol. 4, n.º 2, ago/dez.
- Hall, Stuart (2003), *Da diáspora e das mediações culturais*. Belo Horizonte: EDUFMG.
- Heywood, Linda (org.) (2008), *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Histoire Générale de L’Afrique Études et Documents (1993), *Le rôle des mouvements d’étudiants africains dans l’évolution politique et sociale de l’Afrique de 1900 a 1975*. Paris: Éditions UNESCO/ L’Harmattan.
- Macgaffey, Wyatt (1994), “Dialogues of the deaf: Europeans on the Atlantic coast of Africa”. In: Schwartz, Stuart B. (ed.). *Implicit Understandings. Observing, repor-*



- ting, and reflecting on the encounters between Europeans and other peoples in the Early Modern Era. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1972), “The West in Congolese Experience”. In: Curtin, Philip (org.). *Africa & the West*. Madison: University of Wisconsin Press.
- (2005), Changing Representations. *Central African History, The Journal of African History*, Vol. 46, N.º 2, pp. 189-207.
- Medeiros, Eduardo (2007), *Os senhores da floresta: ritos de iniciação dos rapazes macuas e lòmnes*. Porto: CEAUP/ Cassamarca.
- Montecúcolo, João António Cavazzi (1965), *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. 2 vols. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- Morier-Genoud, Éric (2009), Demain la secularization? Les musulmans et le pouvoir au Mozambique aujourd’hui. In: Soares, Benjamim & Otayek, René (éd.). *Islam, État et société en Afrique*. Paris: Khartala.
- Mveng, E. (1994), De la mission à l’inculturation. In: NDI-Okalla, J. (org.) *Inculturation et Conversion – Africains et Européens face au Synode des Églises d’Afrique*. Paris: Karthala.
- Pantoja, Selma (2010), O ensino da história africana: metodologias e mitos – o estudo de caso da rainha Nzinga Mbandi. *Revista Cerrados*, Brasília, v. 19, n.º 30, pp. 315-328, mar.
- Pecariva, Manuel Pedro (1979), *Nzinga Mbandi*. Lisboa: Ed. 70.
- Prudhomme, Claude (1994), *Stratégie Missionnaire du Saint-Siège sous Léon XIII (1878-1903)*. Roma: École Française de Rome.
- Santos, Patrícia Teixeira (2013), *Fé, Guerra e Escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (188-1898)*. São Paulo: Editora FAP UNIFESP.
- (2013), Educação e Diversidade: uma análise da trajetória da escola industrial de Carapira, Moçambique (1964-1975). In: Pereira, Amílcar Araújo e Monteiro, Ana Maria. *Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas.
- (2008), Educação dos súditos versus a formação do cidadão: embates sobre a educação no Sudão. *Cadernos PENESB*, n.º 8. Niterói.
- (2002), *Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad.
- Sirinelli, Jean François (1996), A geração. In: Ferreira, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Thornton, John K. (2004), *África e africanos na formação do mundo atlântico*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Velho, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

## **Documentos eclesiásticos e periódicos missionários**

Bula Inter Caetera (1455) – A.N.T.T.- Gavetas, gaveta 7, maço 13, n.º 7.

Bula Romanus Pontifex (1455) – A.N.T.T.- Bulas, maço 7 de Bulas, n.º 29.

Estudos da CNBB, número 02 (1974), Igreja e Política: subsídios teológicos. São Paulo: Paulinas.

Vaticano II – Mensagens, discursos e documentos (1998), Tradução Francisco Catão. São Paulo: Paulinas.